9º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

O CLOWN NO CONTEXTO DA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA: A INTERAÇÃO LÚDICA COMO ESTRATÉGIA DA HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE

Ieda Harumi Higarashi[1]
Pedro de Aquino Ochôa[2]
Mario Takeguma Junior[3]
Camilla Delavalentina Cavalini Marques[4]
Marly Veronez[5]

O projeto de extensão universitária "Médicos da Graça", constitui-se em iniciativa interdisciplinar com o objetivo fundamental de resgatar, por meio da performance *"clown"* (palhaço em Inglês), a capacidade de brincar da criança hospitalizada. O projeto, em parceria da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com outros setores da sociedade (duas organizações não governamentais e sem fins lucrativos, uma instituição privada de ensino e uma empresa da iniciativa privada), tem sua ação pautada na premissa de que, mesmo num ambiente marcado pelo tecnicismo e pela frieza, há espaços para o exercício da ludicidade e da alegria, tão essenciais ao processo de desenvolvimento global de uma criança. O projeto tem dois focos principais de atuação: um social e outro acadêmico-científico. O enfoque social do projeto tem seu impacto revelado pela atuação dos grupos de *clowns* e observadores em visitas a dois hospitais da cidade de Maringá, Paraná: Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM) e Santa Casa de Misericórdia. Estas equipes são formadas por acadêmicos das diversas áreas e profissionais, previamente treinados para levar por meio da arte e da brincadeira, um pouco mais de cor e alegria às crianças/adolescentes hospitalizados. O enfoque acadêmico–científico se dá, integrando ações de cunho não só extensionistas, quanto formativas e investigativas, num constante processo de avaliação, aprimoramento e formação continuada. Desta forma, a experiência de participar do projeto, propicia aos futuros profissionais e profissionais já atuantes, uma vivência como nenhuma outra, trabalhando conhecimentos transversais que a instrução formal nem sempre contempla. Falar sobre relacionamento terapêutico, desenvolvimento da sensibilidade artística, humanização da atenção em saúde... tudo isto parece vazio sem a experimentação da realidade. Em seus cinco anos de existência, já foram realizadas quatro oficinas de capacitação, totalizando 165 alunos, dos quais foram selecionados 90 integrantes. Por meio da atuação de nossas equipes junto aos mais diversos setores da sociedade (hospitais atendidos pelo projeto, comunidade geral e comunidade acadêmica), o projeto vem se firmando, pautado não somente no quantitativo de pessoas atendidas (estimadas em mais de 3900), mas fundamentalmente, na perspectiva da continuidade de nossa missão social em prol da humanização da atenção à criança hospitalizada.

Palavras-chave: Criança. Hospitalização. Palhaço.

Área temática: Saúde.

1.Doutora em Educação. Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: ieda1618@gmail.com ou ihhigarashi@uem.br.
2. Diretoria de Cultura/Teatro Universitário de Maringá. Universidade Estadual de Maringá (UEM).
3. Acadêmico do Curso de Psicologia da UEM.
4. Membro da Comunidade Externa.
5. Pós-graduanda do Mestrado em Enfermagem da UEM.

Coordenador do projeto: Ieda Harumi Higarashi. E-mail: ieda1618@gmail.com. Departamento de Enfermagem. Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Ao longo das transformações no processo histórico, social, econômico e cultural houve uma significativa mudança em como compreender a criança e, conseqüentemente, na maneira de desenvolver o cuidado a sua saúde. (Schaurich et al, 2005)

De acordo com Ariès (1981), nas sociedades tradicionais cabia à família a responsabilidade de conservar bens, preservar um ofício e proteger sua honra e a vida de seus membros. A criança que era, até então, vista apenas como um adulto em miniatura, com pouca valorização de suas singularidades, passou com a evolução das sociedades, a ser percebida como um ser com potenciais para um crescimento e desenvolvimento saudável, com especificidades em seu momento vivido e, principalmente, como membro do grupo familiar. (Schaurich et al, 2005)

Há, portanto, nos dias de hoje, uma inversão muito grande de valores e percepções acerca da infância e seu significado no contexto do viver humano. Assim, a doença e a morte, antes concebidas como aspectos naturais, próprios do processo de desenvolvimento e da vida humana, hoje representam desafios a serem vencidos, muitas vezes a um custo emocional e social elevadíssimo e nem sempre com a qualidade necessária.

No intervalo entre estes dois momentos históricos, e paradigmas diferenciados de tratar a infância, passamos por um processo de delegação de atribuições a outras instâncias fora do núcleo familiar. Este fenômeno abarca, entre outras ações, a educação, que passa a ser atribuída à escola, e o cuidado à saúde, que passa a figurar como uma incumbência do estado, por meio de seus serviços de atenção à saúde. Neste aspecto, a responsabilidade estatal de combater a morbidade e a mortalidade infantil aparece como meio para conservar a força produtiva de sua sociedade deste o seu nascedouro.

Dentro do contexto deste cuidado, surge a necessidade eventual de hospitalização da criança, experiência esta que, tanto para a criança quanto para sua família, comporta inevitavelmente um perigo para sua personalidade e seu modo usual de ser e viver. Estes, com efeito, sentem o hospital como um mundo estranho e potencialmente hostil. A criança, como o adulto enfermo, experimenta ou receia o sofrimento físico ainda mais porque não compreende a razão para que ele exista. Além disto, teme perder a proteção daqueles que ama, dos quais sente mais necessidade ainda, diante da perspectiva do medo e da dor.

Muitos avanços já foram conseguidos em relação a se pensar e propiciar ambientes e situações adequadas nas pediatrias, principalmente com a homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, quando através do artigo 12º, os serviços de saúde se viram obrigados a proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente. Segundo Moraes (2007) a humanização hospitalar tem sido discutida nos últimos tempos, especialmente a partir da Portaria nº 881, de 19/06/2001, do Ministério da Saúde que instituiu, na esfera do Sistema único de Saúde (SUS), o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH). A intenção foi produzir uma nova cultura de relação entre os profissionais da área da saúde e aqueles que se utilizam destes serviços, objetivando a humanização e a valorização da vida.

Porém ainda existe muito a ser feito e pensado para que possamos ter um maior conhecimento sobre o que pode ser feito para resguardar a saúde mental das crianças em situação de internação.Para Carvalho e Bergnis (2006), uma atividade que pode contribuir na promoção da saúde das crianças nestas situações está relacionada ao brincar. Os autores relatam que no que se refere ao âmbito hospitalar, o brincar tem sido reconhecido pelo seu papel terapêutico, pois modifica o ambiente, o comportamento e, principalmente, a estrutura psicológica da criança, no decorrer de seu tratamento. Segundo Melo (2003) o ato de brincar ajuda a criança a trabalhar sua relação com o mundo, compartilhar espaços e experiências com outras pessoas, capacitando-a a vivenciar as mais diversas situações. Brincando a criança opera, manipulando objetos cheios de mensagens que são continuamente transformados. Há portanto, que dar possibilidades à criança enferma, demonstrando que, apesar de sua doença e das intervenções médicas necessárias, ela pode ter um outro espaço para ser, que não apenas o de sua doença. Onde possa manifestar-se como sujeito de mundo próprio e diversificado, resgatando assim, seu modo de vida e as possibilidades inerentes a ela.

Nosso universo de trabalho, portanto, deve levar em consideração todos estes aspectos, de tal forma que a dor, ainda que tenha que ser vivida, e de nos causar preocupação, possa revelar espaços para o sorriso, a música, e o desvelamento da natureza humana, revelada nos segundos de êxtase da brincadeira infantil. Neste contexto, o *Clown* (termo inglês que designa “palhaço”), vê a vida com os olhos de uma criança, e acredita nesta verdade. Trabalha com o lúdico, a travessura, criando assim, uma cumplicidade única com o universo da criança.

Esta arte, conserva sentido duplo, representando não somente uma manifestação da arte teatral, mas uma faceta da travessura que caracteriza o modo de ser da própria criança. E travessura envolve sempre imaginação e criatividade. Trata-se de reinventar a forma de lidar com a dor e a doença, por meio da fantasia, da alegria e da imaginação.

Assim, citando MUYLAERT (2000), “o brilho que pode emanar de nossos encontros na Enfermaria reside no deslocamento do caminho..., no deslocamento dos lugares anteriormente habitados por saberes absolutos, para compor um saber fugaz, porém vital” - saber brincar e aprender a ser criança outra vez.

Nas palavras de um dos membros dos Doutores da Alegria, inspiradores desta iniciativa no Brasil: “Se eu tivesse que resumir em uma palavra a essência do que a gente faz, eu diria que é o olhar! Porque palhaços e crianças não são prisioneiros nem da lógica nem da razão. Então, para eles, nem tudo que você vê é o que você vê, mas pode ser o que você quiser que seja.”(NOGUEIRA, 2006)

Face ao exposto, o objetivo deste trabalho é o de relatar a experiência de implementação e funcionamento do projeto de extensão universitária Médicos da Graça, na perspectiva de seu impacto no processo de humanização do ambiente hospitalar.

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo-descritivo, sob a forma de relato de experiência de um grupo interdisciplinar de trabalho, na implementação de ações de extensão universitária em unidades de internação pediátrica da cidade de Maringá, Paraná, Brasil. As atividades do projeto de extensão tiveram lugar em duas instituições hospitalares de médio porte da cidade de Maringá, sendo uma delas de

caráter público (Hospital Universitário Regional de Maringá) e outra de caráter filantrópico (Santa Casa de Misericórdia).
O presente relato abarca o acompanhamento de seis anos de experiência da referida iniciativa, que se dá por meio da realização de visitas aos setores de internação pediátrica das instituições hospitalares citadas.

Discussão de resultados

As contribuições mais marcantes das vivências oriundas desta atividade extensionista e do processo interventivo em si, se consolida em duas frentes fundamentais: uma em termos de seus impactos sociais e outra, em termos de seu enfoque acadêmico-científico. O impacto social do projeto se consolida pela atuação dos grupos formados por *clowns* e observadores em visitas aos hospitais, de tal modo que, cada grupo procura levar por meio da arte da representação e da brincadeira, um pouco mais de alegria e ludicidade às crianças/adolescentes hospitalizados. O enfoque acadêmico–científico se dá, transpondo o ensino e a aprendizagem para outros ambientes, que não o da sala de aula. Desta forma, a experiência de participar do projeto, propicia aos alunos participantes, uma vivência como nenhuma outra. Em seus anos de existência, já foram realizadas quatro oficinas de capacitação, totalizando cerca de 165 alunos, dos quais foram selecionados 90 integrantes que passaram pelo projeto de extensão. Por meio da atuação de nossas equipes junto aos mais diversos setores da sociedade (hospitais atendidos pelo projeto, comunidade geral e comunidade acadêmica), o projeto vem se firmando, pautado não somente no quantitativo de pessoas atendidas (estimadas em mais de 3900), mas fundamentalmente, na perspectiva da continuidade de nossa missão social em prol da humanização da atenção à criança.
A avaliação dos impactos positivos das intervenções clownescas foi corroborada por meio da implementação de uma pesquisa institucional, em andamento, e implementada pela coordenação do projeto de extensão. A pesquisa tem evidenciado os efeitos da atividade extensionista para a melhoria do ambiente de atenção pediátrica, com conseqüentes impactos sobre o processo de adaptação e recuperação da criança internada. A referida pesquisa, ao qual se vinculou também um trabalho de iniciação científica, foi implementada por meio da realização de entrevistas com os sujeitos envolvidos nas ações do projeto (crianças, acompanhantes e profissionais de saúde), e pela implementação de observação sistematizada das performances das equipes de clowns. Os aspectos principais levantados pela aplicação do instrumento de entrevista abarcaram as impressões gerais dos entrevistados no que tange às atividades desenvolvidas pelos Médicos da Graça. Dos seis entrevistados, quatro eram mães acompanhantes das crianças hospitalizadas, e dois eram membros da equipe atuante do setor, sendo uma, acadêmica estagiária do curso de Pedagogia e uma técnica de enfermagem. Com relação à avaliação dos entrevistados acerca das atividades do projeto, todas as impressões manifestadas foram positivas, com três entrevistados avaliando o projeto como ótimo e três, como bom.

Conclusões

Segundo Backes e cols (2006) as instituições que prestam assistência às crianças foram pioneiras na aplicação do conceito de humanização no tratamento e concepção dos espaços físicos. Isso ocorreu como consequência da percepção do

atendimento à criança, que é algo complexo, pois abrange a ligação com o acompanhante, na qual a comunicação, acontece por meio das relações de afeto.

No decorrer da internação, a criança precisa lidar com um ambiente hostil, de afastamento dos amigos e de sua família, passando a conviver com pessoas desconhecidas e com uma nova rotina que envolve remédios, exames e procedimentos muitas vezes dolorosos, e com uma série de sofrimentos que são, na maioria dos casos, incompreendidas pelas crianças. No sentido de atenuar os efeitos da hospitalização, torna-se fundamental a adoção de estratégias e ações voltadas ao reconhecimento das demandas emocionais e psicológicas da criança, principalmente em considerando os reflexos destas demandas sobre a capacidade de enfrentamento e recuperação global da criança enferma.

Desta forma, o projeto Médicos da Graça tem demonstrado, ao longo de seus anos de existência, o quanto é possível ser feito em prol da comunidade, seja ela restrita ao ambiente de internação pediátrica, seja ela, em outras tantas realidades sociais.

Cumpre-se assim, o papel fundamental da universidade, de interligar o conhecimento multidisciplinar a serviço da sociedade, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento científico institucional e para a formação de profissionais mais sensíveis aos preceitos da humanização nos contextos das relações cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS,P. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACKES, D. S.; LUNARDI, V.L.; LUNARDI FILHO, W. D. A humanização hospitalar como expressão da ética. **Rev Latino-am Enfermagem**,14(1):132-5, 2006. Disponível em: <http://ead.eerp.usp.br/rlae/> Acessado em:31/01/2008.

CARVALHO, A. M.; BERGNIS, J. G. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. **Psicologia em Estudo**. Maringá, 11 (1): 109-117, 2006.

MELO, L.L. **Do Vivendo para Brincar ao Brincando para Viver:** O Desvelar da Criança com Câncer em Tratamento Ambulatorial na Brinquedoteca. Riberão Preto-SP, 2003. Tese (Programa Interunidades de Doutoramento em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Riberão Preto) Universidade de São Paulo.

MORAES, M. C. A. F. **A Influência das Atividades expressivas e Recreativas em Crianças Hospitalizadas com fissura Labiopalatina:** A Visão dos Familiares**.** Bauru, SP, 2007. Dissertação (mestrado em Ciências da Reabilitação). Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, Universidade de São Paulo.

MUYLAERT,M.A. Corpoafecto: o psicólogo no hospital geral. São Paulo: Editora Escuta, 2ª ed., 2000.

NOGUEIRA, W. Doutores da Alegria: o lado invisível da vida. Grifa mixer e MaMo filmes. 144p.

SCHAURICH, D. et al. Utilização da teoria humanística de Paterson e Zderad como possibilidade de prática em enfermagem pediátrica. **Esc. Anna Nery Enferm**. 2005 abr; 9(1):265-70.